



A MULHER LÉSBICA E O HABITAR EM RISCO NA FICÇÃO PÓS-PANDEMIA DE “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”

*The lesbian woman and living at risk in the post-pandemic fiction on
“The extinction of bees”*

Taís Alves Teixeira¹

RESUMO

A emergência climática e o possível colapso político, ambiental e social que se avizinha nos convida a pensar em futuros possíveis, haja vista que habitar o planeta Terra tem se caracterizado pelo risco constante de catástrofes. Com isso, este artigo visa mergulhar na obra “A extinção das abelhas” de Natalia Borges Polesso, para que possamos compreender o antropoceno como o tempo da perturbação humana.

Palavras chaves: colapso, antropoceno, fabulação feminista, literatura, situação.

ABSTRACT

The climate emergency and the possible political, environmental and social collapse that is approaching invite us to think about possible futures, given that inhabiting planet earth has been characterized by the constant risk of catastrophes. With this, this article aims to delve into the work: The extinction of bees by Natalia Borges Polesso so that we can understand the Anthropocene, as the time of human disturbance.

Keywords: collapse, anthropocene, feminist fabulation, literature, situation

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas Sociais Aplicadas (ICHSA) da Unicamp. E-mail: t235001@dac.unicamp.br
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



Habitar o planeta terra tem se caracterizado nos últimos séculos pelo risco eminente de catástrofes

O mundo está em colapso. Frequentemente somos advertidos sobre o aumento da temperatura do planeta, o aumento de poluentes na atmosfera, o índice de elevação dos mares e o surgimento de novas doenças decorrentes dos impactos ambientais e sociais. A pandemia de COVID-19 se caracteriza como um exemplo neste sentido. Ela é evento traumático na história recente da humanidade, devido ao seu alto índice de letalidade somado às alterações nas formas de sociabilidade. Isso provocou o crescimento de quadros de ansiedade, insônia e depressão conforme aponta matéria publicada no jornal da USP, intitulada ‘Ansiedade, insônia, estresse, depressão: estudo mostra como saúde mental evoluiu na pandemia’ (2022). Ao mesmo tempo que assistimos em transmissões televisivas valas comuns sendo abertas, e o então presidente da república minimizando a situação das pessoas que sofriam com a ausência de oxigênio nos hospitais públicos. As mudanças bruscas no cotidiano, o crescimento das mortes somado ao descaso da gestão federal em vigor no período de 2019-2022 intensificou e agravou o quadro de desamparo social e a percepção de que estamos cada vez mais próximos de um colapso social e ambiental.

Em poucos meses o vírus SARS-CoV-2 assolou milhares de pessoas ao redor do planeta Terra. Seu contágio iniciou-se a princípio em território chinês e, paulatinamente, com o deslocamento constante de pessoas pelo globo, logo estava presente em uma quantidade significativa de países. Apesar da humanidade já ter vivenciado recentemente outros contágios como a H1N1 em 2009, a disseminação internacional do poliovírus em 2014, o surto de Ebola no continente africano na porção ocidental em 2014, o zika vírus em 2016 e o Ebola em 2018 na República Democrática do Congo. A COVID-19 teve um alcance mundial e impactou diversos setores produtivos e sociais.

Em um mundo globalizado tal qual vivemos, a forma de organização econômica, política e social está baseada na dependência de produtos e mercadorias externas. Ao passo que, no contexto pandêmico houve um grande impacto nessa forma de organização. Com a redução e restrição de mobilidade, toda a fluidez defendida pela globalização que se consolidou a partir da década de 80 com o fim da bipolarização advinda da Guerra Fria,



passou a sofrer as consequências das mudanças advindas da pandemia. O contexto pandêmico se caracterizava como um obstáculo para a fluidez e mobilidade sobretudo para as mercadorias. Haja vista que o fluxo, quando se trata de pessoas sobretudo de migrantes e refugiados oriundos de países pobres e em guerra para países ricos são compreendidos/as como invasores, sofrendo com todo tipo de xenofobia e violência. Além do acirramento das desigualdades econômicas e sociais causado pela pandemia, temos convivido com as consequências provenientes do aquecimento global, tais como, aumento da temperatura do planeta que leva a incêndios, secas prolongadas, chuvas torrenciais que causam mudanças geomorfológicas, como: escorregamento e deslizamento de encostas impactando tanto a vida humana como as de outras espécies. O que consequentemente causa mortes, perdas de habitações, refúgios e equipamentos públicos.

Habitar o planeta terra tem se caracterizado nos últimos séculos pelo risco eminente de catástrofes. Esta palavra, tem sido usada com certa frequência pelos meios de comunicação e quase sempre vem acompanhada do adjetivo, natural. A natureza nesse sentido aparece desassociada do ser humano e da sociedade. O que nos remete ao pensamento de Félix Guattari em *As três ecologias* (2001).

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política — a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta (GUATTARI, 2001, p. 7)

Se concordamos com esta proposição filosófica da ecosofia, as catástrofes são nada mais nada menos do que, o resultado das relações sociais que atuam sobre o meio. Por isso se faz necessário observar como as catástrofes são resultado da soma de relações. Basta como os biomas estão sendo gradativamente alterados pelos incêndios e desmatamentos ostensivos para o plantio de *comodities*, o que provoca grande impacto na fauna e flora, assim como, a contaminação dos recursos hídricos que também tem sido um agravante para a sobrevivência das espécies animais aquíferas e protista, assim como para as coletividades indígenas, ribeirinhas e quilombolas que tem como base para a



sustentação a atividade da pesca. Outro aspecto agravante é o contato de trabalhadoras/es do setor agrícola com agrotóxicos na pulverização, o que tem causado o crescimento de casos de câncer e a extinção de insetos como as abelhas.

Ao passo que, o aumento da incidência de adoecimento por contato e ingestão de agrotóxico no Brasil foi tema da pesquisa de BOMBANI (2017)² que, ao estudar o uso de agrotóxico no Brasil evidenciou o aumento de casos de câncer relacionados a pessoas que trabalham com a pulverização de agrotóxicos. Sua pesquisa também comprovou o aumento no uso de agrotóxico nos períodos entre os anos 2000 e 2010 em 200% apenas no Brasil, sendo que as regiões com maior incidência do uso de agrotóxicos no território nacional no período de 2012-2014 foram: Centro-Oeste, seguido do Sul, Sudeste, Nordeste e Norte e os biomas mais afetados foram a Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado. Todo este cenário catastrófico nos remete às obras literárias de ficção científica e aos filmes hollywoodianos que abordam a vida no planeta Terra após grandes inundações ou epidemias.

De acordo com a datação do tempo geológico o ser humano apareceu recentemente, e há estudos no campo da Geologia que demonstram que em outras eras geológicas as mudanças ocorriam devido a ações tectônicas ou provenientes dos impactos de meteoros. Contudo, a ação antrópica nos dois últimos séculos tem propiciado transformações agudas no planeta. Os impactos das revoluções industriais e das modificações na forma de viver com a intensificação da ocupação urbana, provocou mudanças significativas com o aumento de poluentes na atmosfera e o crescimento da produção de lixo. As alterações no clima e consequentemente nas paisagens demonstram cada vez mais o impacto da ação antrópica sobre a Terra, por isso o termo antropoceno tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões sobre a história geológica. Haraway³ (2016) nos diz que a ação antrópica pode ser renomeada de muitas formas, tanto como Antropoceno, quando a ação do ser humano provoca mudanças na história geológica; quanto por Capitaloceno, quando evidenciamos o impacto sobre a Terra por conta da organização política, econômica, social e cultural capitalista; assim como Plantatioceno, quando se observa o impacto do plantio extensivo de *commodities* com o uso de

² Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia (2017)

³ Donna Haraway, bióloga, feminista e filósofa estadunidense no artigo: Antropoceno, Capitaloceno, Plantatioceno, Chthuluceno: fazendo parentes, 2016.



agrotóxicos. Já o Chthuluceno é a maneira de viver com seres mortais neste contexto de colapso reunindo forças para reconstruir refúgios.

Todo este contexto permeado por eventos catastróficos foi apresentado para evidenciar que estamos vivendo um momento *sui generis* na história da humanidade, apesar da história geológica já ter nos mostrado que grandes mudanças já aconteceram nos mais diferentes períodos, como no Cretáceo há milhares de anos, quando a inundação dos mares eliminou muitas pontes terrestres entre continentes, e os seres vivos se viram confinados em colossais e reservas naturais distintas e com isso desenvolveram novas espécies (CARSON, 2010, p. 26), ou seja, o planeta Terra já passou por mudanças que forçaram novos arranjos entre as espécies. Quando Rachel Carson bióloga, ecologista estadunidense escreveu a obra “A primavera silenciosa”, em 1962, já demonstrava como é preciso somar aos eventos tectônicos a ação antrópica, já na década de 1960 a autora observava o crescimento de casos de câncer e morte de insetos em decorrência da ingestão de agrotóxicos.

A partir disso, precisamos pensar outros futuros possíveis afinal, já estamos vivendo em meio ao tão falado colapso. Por isso, é preciso pensar na fabulação científica feminista como uma aposta para vivermos com seres mortais, buscando encontrar ou reconstruir refúgios.

...não estamos no comando do mundo. Nós apenas vivemos aqui e tentamos estabelecer conversas não inocentes através de nossas próteses, incluídas aí nossas tecnologias de visualização. Não é de admirar que a ficção científica tenha sido uma prática de escrita tão rica na teoria feminista recente. (HARAWAY, 1995, p.38)

Quando Donna Haraway aposta na escrita ficcional para pensar outras possibilidades de fazer ciência partindo da defesa da situacionalidade, nos convida a fabular futuros. É por meio dessa perspectiva que este artigo buscará demonstrar como a literatura ficcional feminista tem nos proporcionado ver o mundo em colapso, ao mesmo tempo em que pensamos em possíveis futuros que podemos construir. Com isso, este artigo pretende realizar um exercício de análise de conteúdo por meio de uma abordagem metodológica interdisciplinar, para observar como a proposição do romance brasileiro “A extinção das abelhas” (2021), de autoria da escritora gaúcha Natalia Borges Polezzo nos ajuda a encontrar possíveis respostas para a pergunta inevitável: como viver em um mundo em colapso?



Poeira de desejo

Regina vive as sequências dos muitos colapsos que perpassam sua vida. Uma mulher brasileira, situada na porção sul do território nacional, lésbica, diabética, solitária e de meia idade. O contexto político, econômico, social e ambiental é o de um Brasil pós-pandemia da COVID-19, que está sob a gestão presidencial de um ex- apresentador de televisão que fomenta ideais empreendedores em sua administração pública, o que alimenta nas pessoas simpáticas à sua administração a mentalidade meritocrática.

O fato é que era melhor ter aquele apresentador de televisão como presidente do que o presidente anterior. Eu nunca pensei que fosse ficar feliz com uma coisa dessas. Eu nem pensava muito nisso, porque me dava um nó. (POLESSO, 2021, p.41)

A vida de Regina, portanto, é permeada de eventos traumáticos como o abandono materno, a morte do pai, a conturbada vida afetiva com uma namorada fria e distante e o eminente colapso político, ambiental e social que se aproxima. De modo que, ao longo da obra, somos apresentados ao monumento denominado colapsômetro, uma espécie de contador gigante que diz quanto por cento cada país tem contribuído para o colapso. A ausência da presença de Guadalupe, a mãe de Regina, é fundamental para que possamos compreender diversos aspectos sobre a negação da maternidade e da imanência. Ao longo da obra problemas de saúde, ausência de segurança pública, estupro, lgbtfobia e acesso a alimentos contaminados por agrotóxicos compõem o drama vivido por Regina. As demais personagens são majoritariamente mulheres das mais variadas faixas etárias, sexualidade e classe social, que também lidam com a precariedade da vida e a violência. De modo que, a partir da leitura de "Extinção das abelhas" (2021) é possível pensar em como um romance ficcional pode nos fazer friccionar o ser mulher em situação (BEAUVOIR, 2016). Afinal, Regina foge ao destino comum pensado para as mulheres cis, com a perpetuação da espécie e a manutenção do lar e conseqüentemente a imanência, tal qual fez sua mãe. A personagem nos convida a refletir sobre a sexualidade lésbica e sua potencialidade de instabilidade das normas de gênero na sociedade tal como propõe Preciado (2014). Ao mesmo tempo em que outras duas personagens, Eugênia e Denise, o casal que cuidou de Regina após a morte de seu pai emerge como a representação do conservadorismo e isso complexifica a ideia de ser mulher lésbica. Ao mesmo tempo que acompanhamos as



reflexões de Regina sobre a finitude e o colapso iminente, o casal Eugênia e Denise surge como uma lembrança constante da resistência da lógica neoliberal e heteropatriarcal presente no mundo e também em relações homoafetivas.

- Tudo é dinheiro sim. E oportunidade! A vida é um bufê, quer alguma coisa? Vai lá e pega! Levanta a bunda e pega! Não dá para ficar esperando alguém te servir, entende? A tua geração ficou mal-acostumada, filha, com tanta abundância à disposição. Eu e a Denise tivemos que lutar muito para chegar aqui, nada nos foi dado de mão beijada...

Denise continuou a palestrar sobre mercados, as commodities, as negociações, os empreendedorismos, e tudo para mim soava nojento e desconectado. E eu comia mais para empurrar aquele gosto ruim. A família que tinha me sobrado. A família que eu amava era aquela. Não tinham feito arminha de dedo na nossa cara ainda, mas com certeza já tinham atirado pelas costas. (POLESSO, 2021, p. 43)

Eugênia e Denise, por acreditarem na lógica neoliberal e possuírem uma mentalidade meritocrática pareciam não viver as mesmas angústias de Regina e Aline, a outra filha do casal. Regina vivia constantemente ciente do impacto ambiental provocado pela AGROTEC com o uso intensivo de agrotóxico nos alimentos, do aumento do desemprego, da crise imobiliária, do surgimento de seguranças particulares nas ruas, do intenso processo de extermínio de migrantes e refugiados, assim como o crescimento de milícias de extermínio de integrantes da comunidade LGBTQIAPN+. A finitude da vida caminha ao lado de Regina. “As pessoas vão embora, e isso é uma realidade” (POLESSO, 2021, p.11), esta frase abre o romance como se estivesse alertando aos leitores/as da finitude das relações humanas e de outras espécies, como das abelhas. “Sabia que não tem mais abelha agora por aqui? Quer dizer, tem mas é raro, que quase não se vê. Não pode matar em hipótese alguma.” (POLESSO, 2021, p.17). Ou seja, viver em meio ao colapso é estar cada vez mais próximo da finitude da vida e das consequências das mudanças ambientais e sociais.

Ao longo da primeira parte do livro acompanhamos Regina sobrevivendo dentro da lógica neoliberal onde o tempo é celularizado (BERARDI, 2019) e o único trabalho que encontra responde aos anseios da rede digital. Ser *camgirl* evidencia a lógica da venda do prazer *online* no tempo da ausência de desejo.

Depois da morte das abelhas, colmeias artificiais foram criadas. Elas têm o formato clássico por motivos comerciais afetivos. O mel produzido



com a glicose do açúcar de cana é colorido artificialmente. Dizem que o zumbido constante atravessa os campos-fábricas e que os funcionários colhem o mel com roupa apropriada, telas no rosto, respiradores e luvas, isso para não contaminarem o néctar com o choro da ausência e do arrependimento. E para não se contaminarem com o veneno do ar. Depois da morte das abelhas, os homens ficaram mais sensíveis e começaram a tomar probióticos para aliviar os sintomas gastrointestinal, mas morrem do mesmo jeito. As mulheres começaram a procurar cavidades, construções abandonadas, cavernas e árvores para restabelecer suas famílias, as mulheres ficam suspensas, à espera de um zumbido. (POLESSO, 2021, p. 195)

O trecho acima compõe a segunda parte da obra de Natalia Borges Polezzo, quando ela retrata o contexto social vivido por Regina nas catástrofes que em muito se assemelham com algumas que acompanhamos nos noticiários. O que nos faz pensar nas frequentes manchetes sobre a morte das abelhas na contemporaneidade. As abelhas são importantes polinizadoras, responsáveis pela transferência dos grãos de pólen que proporcionam a origem de muitas sementes e frutos. Mas, no contexto contemporâneo, elas têm sofrido constantes ondas de morte devido ao uso intensivo de agrotóxicos, como demonstra a matéria publicada no portal de notícias G1 no dia 19/07/2023, “Mais de 100 milhões de abelhas são mortas no Mato Grosso devido aplicação errada de agrotóxico.” Desse modo, é possível perceber que o risco de extinção das abelhas não é uma mera ficção. Por isso, acompanhar Regina vivendo no antropoceno é angustiante, pois reflete em muitos os aspectos da nossa realidade.

Quantos mundos já colapsaram antes deste? Quantos cataclismos? Invasões que significam o fim para uns e o começo para outros? Para outras, nunca. Modos de ser, modos de fazer, modos de usar, invenções impostas. Uns chamam de colonialidade, outros chamam de a destruição dos mundos possíveis. Outros chamam de começo. Nascer morrer nascer morrer e tudo o que existe nesses verbos. (POLESSO, 2021, p. 200)

As questões postas nos fazem refletir sobre os muitos colapsos sofridos pelas mais diversas coletividades e que, por muito tempo foram nomeadas de descoberta, ocupação, conquista etc... O que Natalia Borges Polezzo nos faz refletir na segunda parte de sua obra é por assim dizer as consequências advindas da forma de viver e ocupar o planeta Terra partindo da lógica colonial, capitalista e neoliberal. Ao passo que se estivermos de acordo com Dardel (2011), foi pela relação de Regina com a terra se reconhecendo como ser



telúrico que as paisagens em “A extinção das abelhas” nos revelam o percurso que caminhamos para fim do mundo.

Quando o segundo sol chegar

Na terceira e última parte de “A extinção das abelhas” (2021), somos levados a pensar no que Donna Haraway chamou de Chthuluceno, ao passo que a sobrevivência de Regina pode ser compreendida como resultado dessa noção. Ou seja, é pela reconstrução de refúgios e o convívio com outros seres mortais que o presente mesmo em ruínas tornou-se possível. O que nos remete às formulações de Tsing (2019),⁴ Quando esta afirma que o nosso tempo é o antropoceno, ou seja, a era da perturbação humana, onde a extinção em massa é mais do que nunca uma possibilidade. Contudo, é nessa nova era geológica que emerge o que Anna Lowenhaupt Tsing chama de diversidade contaminada.

Diversidade contaminada é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável. (TSING, 2019, p. 23)

A obra de Natalia Borges Polesso, portanto, nos faz mergulhar no tempo presente dos desastres e na possível extinção em massa que se avizinha, além das diversas catástrofes descritas no livro que já foram vivenciadas por nós enquanto espécie humana. A pandemia de COVID-19, os muitos incêndios como aquele que casou a mudança na coloração do céu na cidade de São Paulo, as constantes mortes de abelhas, as crises humanitárias dos/as refugiados/as, o crescimento acentuado de casos de câncer devido ao contato e ingestão de agrotóxicos, são muitas as catástrofes retratadas ao longo do livro. O que nos faz refletir sobre o presente, alimentando utopias de um futuro ao apostar no que Tsing (2019) chama de diversidade contaminada.

⁴ Antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing. Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no antropoceno, 2019
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



REFERÊNCIAS

BERNARDES, Julio. **Ansiedade, insônia, estresse, depressão: estudo mostra como saúde mental evoluiu na pandemia.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ansiedade-insomnia-estresse-depressao-estudo-mostra-como-saude-mental-evoluiu-na-pandemia/> Acesso em: 02/05/2023.

BOMBARDI, Mies Larissa. **Geografia do uso de agrotóxicos no brasil e conexões com a união europeia.** São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: fatos e mitos.** Vol. I, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARSON, Rachel. **A primavera silenciosa.** São Paulo: ed. Gaia, 2010.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRANCO, Berardi. **Depois do futuro.** São Paulo: Ubu, 2019.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 1990.

Mais de 100 milhões de abelhas são mortas em MT devido aplicação errada de agrotóxico. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/07/19/cerca-de-600-colmeias-sao-intoxicadas-em-mt-apos-aplicacao-errada-de-agrotoxico.ghtml> 19/07/2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In **Cadernos Pagu**, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, pp. 07- 41, 1995.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. In **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte** I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana.** São Paulo: Blucher, 2014.

POLESSO, Natalia. **A extinção das abelhas.** São Paulo: Companhia das letras, 2021.

TSING. Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno.** Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.